

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

**22^a REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
BRASÍLIA, 16 A 19 DE JULHO DE 2000**

**FÓRUM DE PESQUISA 02
BRASIL IMAGINÁRIO**

**Coordenadora:
Monique Augras (PUC/ RJ)**

O Brasil, por sua formação histórica, se compõe de diversas culturas em interação, e logo de diversas mitologias em interação. Estas mitologias são perceptíveis através da transformação de arquétipos universais em símbolos específicos de uma cultura e dão conta de um *trajeto antropológico* e da dinâmica próprios da mesma. Ora tanto na produção literária como folclore, nas artes, nas religiões, na vida cotidiana, onde estes mitos são expressos, toma corpo um Brasil imaginário que diz mais cultura, do que diz o que se costuma chamar de realidade. Trata-se pois aqui, com a utilização de instrumentos vários de pesquisa, e a partir de objetos de estudo distintos, de estabelecer uma geografia do Brasil imaginário, revelando a complexidade das bases míticas da sua formação cultural.

EXPRESSÃO MÍTICO-SIMBÓLICA DA VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DA GESTÃO ESCOLAR.

Altair M. Lahud Loureiro (FE/UnB)

A pesquisa, considerando a parte sombria, a natureza mítica e a multiculturalidade do fenômeno; levantou, com o A.T-9, as representações da violência no imaginário de direções de escolas públicas do DF. As imagens e símbolos foram analisados à luz das teorias do Imaginário, da Complexidade e da Culturanálise de Grupos, desenhando a paisagem mental do grupo, durandianamente “disseminatório”. Os resultados apontam origens da violência nas escolas como: a falta de “alteridade”, a presença de “etnocentrismo” e o “colonialismo cognitivo” modelador do processo educativo, político, pedagógico e administrativo.

A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO UMBANDISTA VISTO ATRAVÉS DOS PERSONAGENS "CABOCLOS" E "PRETOS-VELHOS".

Ana Cristina Mandarinó (Universidade de Barra Mansa – RJ/USP)

O presente estudo tem como objetivo apreender através da análise dos discursos de médiuns de Umbanda e de suas respectivas entidades, captando através de suas "representações" as articulações existentes entre o imaginário social abrangente sobre as diferenças de cor, as desigualdades raciais e a perspectiva religiosa, percebida na narrativa dos discursos dos agentes sociais transformados em personagens da "trama e do drama" no "palco" de dois terreiros cariocas de Umbanda.

LUZ E SOMBRAS SOBRE OS ÍNDIOS NAS RUAS.

Antônio P. Pontes Filho

Luciano C. Bornholdt

Fotoetnografia sobre a presença indígena, Guarani e Kaingang, nas ruas do centro de Florianópolis. O foco do trabalho é a presença dessas pessoas, seus atos, e a ocupação que fazem do espaço. O que trazem consigo, quando vão ao centro da cidade, de onde vêm, e quais são algumas de suas motivações, foram preocupações que orientaram o trabalho.

Sua visibilidade no contexto urbano é pensada em articulação com a especificidade de sua presença, posto que são pessoas de povos outros, que não o nosso.

O “ÍNDIO” NO IMAGINÁRIO NACIONAL BRASILEIRO.

Clarice Novaes da Mota (Universidade Federal de Sergipe)

Há um “índio” sendo reconstruído especialmente para a celebração dos 500 anos de descobrimento do Brasil pelos portugueses. Fazendo parte desta composição e reconstrução de um Brasil mistificado e, portanto, mítico, está a reconstrução que os próprios grupos indígenas, povos colonizados por diversas frentes de ocupação de suas terras, fazem de sua própria cultura, reinventando tradições, mitos e personagens, “folklorizando” a si mesmos e assim amoldando-se, em parte, às expectativas expressas da sociedade da sociedade nacional. É o índio de cocar, pintura corporal bonita, arco e flecha, e com um biotipo considerado ainda como o de todos os Ameríndios. É o índio que aparece nas telas da Rede Globo e que serve às fantasias do imaginário nacional, numa volta ao “bom selvagem” de Rousseau e José de Alencar. O mundo nativo no imaginário social é pré-concebido por imagens já impregnadas no mesmo através de séculos de interpretação – pelo colonizador – do que deve ser o “índio” e como o mesmo deve se comportar frente à sociedade nacional. Mas o que fazer do índio miscigenado, do “índio-negro”, do índio desdentado e faminto, à margem de uma sociedade que o rejeita como ele se tornou? O que falam de si e como se representam os descendentes indígenas, os índios aldeados do Nordeste brasileiro? Que modelo nativo constróem a partir das premissas dos 500 anos da invasão de suas terras? A autora tenta responder a estes questionamentos através de observação de eventos no quais os Kariri-Xocó de Alagoas e os Xocó de Sergipe participam, assim como de trabalho de campo nas aldeias.

NOMADISMO, DIÁSPORA E AVENTURA: UMA REFLEXÃO ACERCA DO IMAGINÁRIO CEARENSE A PARTIR DAS PRÁTICAS DO COMÉRCIO.

Cláudia Sousa Leitão (Universidade Estadual do Ceará)

O Ceará é uma invenção do comércio. Espaço do movimento, da errância, da circulação de mercadorias, o estado tem sido historicamente um locus físico e imaginário de trocas. Trocas e circulação de bens evocam trocas e circulações simbólicas. No Ceará as transações comerciais sugerem traços de aventura e de nomadismo do seu imaginário, permitindo aos cearenses tanto o enraizamento quanto a abertura em direção ao estranho ou ao estrangeiro. Mascates, caixeiros viajantes, “judeus brasileiros”, os cearenses expressariam portanto, através de sua vocação comercial, a potência de um imaginário fundado numa pulsão migratória que tem resistido à esclerose do sedentário, do institucional. Filhos do ciclo do couro, herdeiros de uma civilização construída a partir da imagem peregrina do boi e do vaqueiro, o Ceará tal qual o Egito legendário, também se

constitui uma terra de êxodo, terra da diáspora, onde a dispersão leva à tensão profícua entre o lugar (topos) e o não-lugar (u-topos). Território "desterritorializado", o Ceará das sociabilidades produzidas pelo comércio leva-nos a redimensionar a prática comercial menos pela sua dimensão econômica do que pela sua capacidade de permitir a evasão imaginária, a sede do outro e do infinito, o vôo onírico conduzido por Hermes, o mensageiro alado, comerciante por natureza. Destino trágico, errante e vagabundo, ethos peregrino marcado pela mística do caminho e pelo hedonismo da experiência com o novo, o comerciante cearense renega o individualismo do homo-aeconomicus assumindo o desejo de reintegração com o global, a abertura a todas as possibilidades, marca do homo-aestheticus. Este ensaio analisará a dimensão simbólica das relações comerciais no Ceará apoiando-se preferencialmente nas categorias teóricas de Mircea Eliade, Gilbert Durand, Georges Simmel, Edgar Morin e Michel Maffesoli no que concerne os estudos dos mitos, símbolos e das estruturas do imaginário.

CINEMA E IMAGINAÇÃO: A IMAGEM DO ÍNDIO NO CINEMA BRASILEIRO DOS ANOS 70.

Edgar Teodoro da Cunha

Numerosos filmes de caráter ficcional têm sido produzidos pelo cinema nacional tematizando direta ou indiretamente a imagem do índio. Nosso trabalho fixa-se em cinco filmes da década de 70, abordando como o índio no cinema torna-se um espaço projetivo, funcionando como um repositório de imagens que dizem respeito mais a nossa própria sociedade, daqueles que olham e reconstróem esse passado indígena, do que propriamente um acervo de imagens das sociedades que aparecem imaginadas na tela. Vários são os elementos resultantes desta análise: 1) os limites do filme enquanto possibilidade de reconstrução histórica; 2) o significado dessa reconstrução em relação aos debates no âmbito do cinema; 3) questionamentos de "caráter nacional" e identidade; 4) a recolocação da dualidade colonizador/colonizado e da antropofagia cultural, questões correntes no debate intelectual do período, que por sua vez remontam a uma tradição vinculada ao Modernismo de 22; 5) o índio enquanto alegoria e construção imaginária.

SEM TÍTULO

Estélio Gomberg (Universidade Tiradentes/SE)

O presente estudo aborda o Desfile da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel em 1996. Busca-se apreender as diversas formas de perceber e de apropriar o Rio Grande do Sul e o gaúcho no enredo "A Heróica Cavalgada de um Povo".

No decorrer deste trabalho procuramos verificar as diversas formas de percepção e de apropriação de elementos constitutivos do que é conhecido como uma "identidade regional", transformando-os no sentido de constituir um espetáculo, ou como poder-se-ia também dizer, carnavalizando-os no Carnaval Carioca, uma festa nacional, por excelência.

O momento do Desfile fez com que os sentimentos de pertencimento ao Estado fossem associados ao pertencimento à Escola que, neste momento, representava o Rio Grande do Sul. Assim, no Desfile, todos estes pertencimentos convergiram para o objetivo central do acontecimento, ou seja, brincar o carnaval e ter sucesso na Avenida. Neste momento, os gaúchos tornaram-se "Da Vila" ao mesmo tempo em que os "Da Vila" transformaram-se em gaúchos.

O PRETO VELHO NO IMAGINÁRIO BRASILEIRO.

Eufrazia Cristina Menezes Santos (UFS)

O preto velho é um tipo social que surge num determinado período histórico,(período escravocrata), no entanto ao longo destes anos sua imagem vem sendo reatualizada através de diversos registros sociais, marcando sua presença sobretudo no campo religioso brasileiro. Este trabalho tem como objetivo evidenciar a riqueza da construção simbólica do preto velho, as possíveis associações da sua figura com o mito do Pai João, procurando destacar o conjunto das representações sociais que tomam parte ou estão subjacentes em sua elaboração.

A densidade sociológica e cultural do preto velho é informada não só pela particularidade étnica e racial da personagem, mas também, pelo conjunto de temas (identidade, relações raciais, nacionalismo...) e valores (humildade, trabalho, família...) a ele associados.

O IMAGINÁRIO DO GÊNERO NA MITOLOGIA AFRO-BRASILEIRA: UMA MITO-ANÁLISE DO ORIXÁ LOGUN-EDÉ.

Luís Felipe Rios do Nascimento

“Menino caçador, meu pai, minha mãe, meu filho. Coroa reluzente, todo ouro sobre azul. Menino onipotente meio Oxóssi, meio Oxum.” Levado ao conhecimento do público brasileiro na voz de Clara Nunes, as “passagens sobre a vida” de Logun são, para o povo-do-santo, muito mais do que simples alegorias. Na força do drama mítico são apresentadas as concepções sobre o aboró/masculino e a yabá/feminino, que permeiam o imaginário de gênero dos grupos. Para além do modo binário como o ocidente pensa o gênero, Logun, ao constelar em sua identidade aspectos dos dois outros modelos, se constitui em um exemplo de um terceiro gênero: o metá. Nossa proposta nesta comunicação é a de analisar o corpus mitológico deste orixá, identificando as especificidades do sistema de gênero do candomblé.

Buscaremos, ainda, apreender as articulações desta forma de constituir o gênero com a forma da sociedade abrangente.

O IMAGINÁRIO NA ESTÉTICA DOS CORTES DE CABELO: ARTE E SEMIÓTICA DOS CORTES DE CABELO DE PERNAMBUCANO.

Maria Giovanna Pessoa (UFPE)

Este artigo tem como proposta fazer uma investigação sobre o imaginário simbólico na estética dos cortes de cabelo, ressaltando os aspectos do secreto nos ritos e representações dos cortes.

Como artista plástica venho desenvolvendo uma pesquisa estética sobre o tema e tenho como proposta fazer uma etnografia nos salões, barbearias e espaços informais de serviços de cortes e penteados do Recife, além de pesquisa em revistas e impressos dos cortes nos últimos 10 anos. Sendo relevante demarcar os contextos históricos pelo qual passou o Brasil nas suas definições estéticas, enfocando os aspectos dos cortes, penteados e a imaginação simbólica de alguns grupos urbanos .

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PARA O ESTUDO DO IMAGINÁRIO MILENARISTA.

Gláucia Buratto Rodrigues de Mello (UNI-RIO)

Através do estudo de quatro modalidades de milenarismos e de um estudo de caso no Brasil, destacam-se, de um lado, os determinantes econômicos, políticos, históricos, religiosos e filosóficos nas manifestações, responsáveis por diferenças aparentes ; e de outro lado, o arquétipo milenarista, que sublinha similaridades, uma espécie de continuidade e uma coerência significativa interna nos movimentos estudados. O milenarismo é aqui entrevisto no seu sentido mais amplo, enquanto herança naturalmente humana, relativa à aspiração comum à espécie, por um tempo e um espaços *ideais*. A aspiração milenarista subjaz, assim, às numerosas variantes culturais e às diversas representações do tempo livre da finitude e de um lugar de felicidade, abundância, justiça e perfeição. A teoria de Gilbert Durand relativa ao medo da morte e ao terror da finitude no âmago das angústias existenciais e das representações imaginárias, confirma mais uma vez a sua aplicabilidade, colocando indivíduos e grupos numa mesma *démarche*, movidos pela mesma esperança por dias melhores no paraíso, antes que a morte os alcance. Diante de cataclismos naturais, de revoltas sociais, de situações de penúria material e de crenças ligadas ao termo de mais um longo ciclo cosmo-biológico, a nostalgia das origens e a importância das profecias e dos mitos soteriológicos são continuamente atualizadas e mais facilmente identificadas. O paraíso e a eternidade, aspirações últimas da humanidade, serão sempre a contrapartida da *queda* na temporalidade. A pesquisa mostra que a busca ou a conquista do tempo e do

espaço *ideais* requerem mérito ou conquista, uma ascensão ou reabilitação da condição humana, através de rituais de purificação, de uma severa vigilância moral ou de uma evolução espiritual, aos níveis individual ou coletivo.

EMIGRANTES BRASILEIROS PARA OS EUA E A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL.

Gláucia de Oliveira Assis (UDESC/Unicamp)

Este trabalho pretende discutir alguns aspectos do recente fluxo de brasileiros para os EUA procurando perceber sua configuração enquanto um grupo étnico. Sendo esta uma emigração recente, as reflexões que realizo são uma tentativa de compreender como o processo de construção uma comunidade étnica conduz os imigrantes a reconstruírem sua identidade nacional neste contexto de culturas em contato. Para explicitar os momentos dessa construção analiso trabalhos de Margolis (1994), Sales (1995) e Assis (1995) os sobre emigrantes brasileiros procurando evidenciar as continuidades e descontinuidades sobre o que a comunidade brasileira pensa acerca de si mesma., bem como apontar como as diferentes autoras analisaram o processo de formação dessa comunidade. Desta forma procurei demonstrar os vários momentos da construção de nossa distinvidade entre nós e os outros analisando como a auto-imagem e as narrativas dos brasileiros sobre si mesmos foram se modificando. Neste ponto analisarei como, neste processo de reconstrução da identidade, os símbolos identitários selecionados pelos emigrantes são sempre os que reportam a um imaginário edênico do Brasil. Este imaginário muitas vezes essencializa certos aspectos de nossa identidade étnica, aqueles que consideramos mais positivos, alegres e homogeinizantes da mesma. Problematizar estas construções seria o desafio deste trabalho.

ASPECTOS MÍTICOS DA JUREMA INDÍGENA PRESENTES NO COMPLEXO UMBANDA CRUZADA COM JUREMA NA GRANDE JOÃO PESSOA/PB.

Idalina Maria Freitas Lima Santiago (Universidade Estadual da Paraíba/PUC/SP)

O complexo umbanda cruzada com jurema é resultado do processo de sincretização dos cultos afro-índio-paraibanos que agrega elementos da tradição negra, índia, católica e kardecista. Como na região da grande João Pessoa/Pb a influência indígena mostra-se bastante evidente dentro desse complexo, optamos por apresentar os aspectos míticos da tradição juremeira aí presentes, utilizando as falas dos chefes religiosos entrevistados e consulta à bibliografia pertinente. Discorreremos inicialmente sobre o complexo umbanda Xjurema, seguido de um enfoque mais específico sobre a tradição juremeira, para então abordarmos os aspectos míticos dessa tradição dentro complexo acima citado : a mitologia

em torno da árvore da jurema; da existência do mundo do além dividido em reinos e cidades; e a concepção de “ciência”.

ARTE CONTEMPORÂNEA NO RECIFE DOS ANOS 90: GRUPO CAMELO, GRUPO CARGA E DESCARGA E BETÂNIA LUNA.

Jane Pinheiro (UFPE)

A realização da pesquisa desenvolveu-se num processo de convivência com artistas plásticos da cidade do Recife, mais especificamente daqueles que utilizam na sua produção, além de uma grande diversidade de materiais, diversas formas de expressão como *performance*, *ação*, *instalação*, pintura, escultura, vídeo e *objetos*, e que pouco a pouco vêm sendo respaldados pelo circuito nacional de arte. Início tecendo algumas considerações acerca da relação sujeito-objeto e de questões relativas à proximidade entre arte e ciência, arte e antropologia, que justificam a estrutura do trabalho. Em seguida, discuto a utilização da fotografia na antropologia. Num segundo momento, descrevo o grupo, seu surgimento e atuação, e apresento um pequeno perfil de cada artista. Por fim, dialogo com algumas questões: configuração do grupo e suas matrizes estéticas; razões para sua projeção no cenário nacional; como lida com o problema do regionalismo, uma vez que, este é um tema recorrente na produção artística de Pernambuco.

DO HOMEM CORDIAL AO RACIONAL: CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE NO IMAGINÁRIO SOCIAL BRASILEIRO.

Kátia Mendonça (UFPA)

O artigo pretende abordar a construção de imagens em torno do tema civilização/barbárie presente no pensamento de Sérgio Buarque de Holanda e Cassiano Ricardo especialmente em suas discussões sobre o *homem cordial*.

O imaginário irá revelar a questão fundamental da alteridade e como a imagem do Outro, o da América do Norte, surge no pensamento desses autores, cada qual mostrando suas singularidades ao colocar em relevo o contraponto entre duas culturas formadoras de identidades: protestante e católica.

A discussão parte fundamentalmente da antinomia civilização/barbárie, como proposta por Leopoldo Zea e Octavio Paz em suas reflexões sobre a América hispânica, as quais foram pouco discutidas criticamente no Brasil. Tal antinomia irá revelar-se em verdadeiro arquétipo presente na cultura latino-americana, arquétipo esse que irá em última instância dizer respeito a uma dimensão ética do simbólico, pois o imaginário corresponderá a posições éticas específicas diante do Outro e, portanto, diante da questão da alteridade.

SOLDADOS DA BORRACHA: MIGRANTES DA FARTURA E SOLDADOS DOS ESPAÇOS VAZIOS.

Lúcia Arrais Morales (UFC)

Em 1943, durante a Segunda Guerra, o Estado Novo, após o seu alinhamento aos EUA, procedeu ao deslocamento de *trabalhadores nacionais*, sobretudo do Nordeste, para a região amazônica. Essa migração teve a denominação oficial de a “Batalha da Borracha” e os migrantes foram chamados de “Soldados da Borracha”. Naquele momento, Brasil e EUA assinaram acordos bilaterais (“Acordos de Washington”) e a borracha ocupava aí um lugar de destaque. A Rubber Development Corporation (RDC), agência do governo americano, é indicada para cuidar dos assuntos envolvidos na reativação dos seringais amazônicos. Do lado brasileiro, é criado o SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia) com o objetivo de administrar a questão da mão-de-obra. Esse trabalho analisa o imaginário sobre a Amazônia produzido pelos atores envolvidos diretamente nesse processo migratório: o Estado Novo e os migrantes nordestinos. Pelo primeiro, o imaginário acionado produzia uma Amazônia dotada de “espaços vazios” o que, além de justificar uma política demográfica, tinha como base de sustentação uma concepção de nação. Os migrantes nordestinos, por sua vez, constróem uma Amazônia como o locus da fartura e isso traça suas estratégias de recepção ao apelo migratório do Estado

IMAGINÁRIO E MITO: NOVA PERSPECTIVA PARA REFLEXÃO DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO EM EMPRESAS AÉREAS BRASILEIRAS.

Madiana Rodrigues

O que a capacidade de criar imagens teria a ver com um universo aparentemente tão previsível, tão preciso e que submete as ações dos seus integrantes ao procedimento regular e sem paixão do pensamento de um computador? Porque fazer um estudo do imaginário numa área onde a técnica triunfante parece ter tornado sem necessidade qualquer investigação simbólica? Gilbert Durand, dentre várias noções não excludentes do imaginário nos diz que “o imaginário humano é o conjunto das imagens e relações de imagens que formam o capital pensado do homo sapiens” e que ele é o “denominador fundamental onde se vem encontrar todas as criações do pensamento humano”. E dentre essas criações o homem inventou o avião. O que busquei fazer neste trabalho foi a união entre a razão e o sonho, entre as constantes arquetípicas que acompanham o *homo sapiens* em qualquer universo que ele habite por mais técnico que ele possa se mostrar. Não busquei responder o porque, mas responder o como. Como as imagens que formam o capital pensado do homem estão organizadas e organizam o trabalho aeroviário. Imagens que formam núcleos dinâmicos que possuem um impacto sobre as emoções, sobre as

perspectivas éticas e mentais, sobre os relacionamentos com outras pessoas, enfim, sobre suas formas de organizar dados e ações no interior da empresa aérea.

O IMAGINÁRIO NA FÉ - BAHÁÍ: UMA REFLEXÃO ANTROPOLÓGICA.

Maria Helena Nunes da Silva (Secretaria de Transportes/Secretaria de Cultura)

Este artigo propõe apresentar uma descrição e análise de aspectos da cultura e da religiosidade Bahaí em Pernambuco. Tal abordagem se constituirá, especificamente, no que se refere, à íntima vinculação existente entre a vida religiosa e as expressões simbólicas concernentes à etnia iraniana que imigraram para o referido estado, principalmente os que vivem na cidade de Recife.

Para tal serão abordados elementos que dizem respeito à história de vida de importantes e expressivos representantes da cultura e religiosidade Bahaí - que mesmo pertencentes a grupos excluídos da sociedade atual iraniana, devido a ascensão do islamismo, desempenham frente à sociedade recifense um importante papel. Este papel é fundamental para a "Fé Bahaí", na medida em que, permite que estes grupos se afirmem passando a ocupar pouco a pouco, um espaço junto às estruturas sociais representativas da sociedade pernambucana.

A CULTURA BRASILEIRA COMO MEIO DE INSERÇÃO SOCIAL DOS ANTIGOS ESCRAVOS RETORNADOS À ÁFRICA – OS AGUDÁS DO BENIM.

Milton Guran (Centro de Estudos Afro-Asiáticos/Universidade Cândido Mendes)

A antiga Costa dos Escravos, e sobretudo o Benin, constitui, ao que parece, o único exemplo no mundo de implantação de uma cultura de origem brasileira que consegue levar uma vida própria e independente. De fato, a presença brasileira foi tão forte nesta região entre os séculos XVIII e XIX que poder-se-ia falar de uma espécie de colonização informal. Foi principalmente por intermédio dos brasileiros – em consequência direta do tráfico de escravos – que esta região teve acesso, de maneira sistemática, a bens manufaturados, como armas de fogo, e a uma língua de expressão universal, entre outros exemplos.

A presença brasileira nesta região da África ganhou força a partir da construção do Forte de São João Baptista de Ajuda, administrativamente ligado ao vice-rei do Brasil, e ponto de apoio dos negreiros baianos lá estabelecidos. Mas a paisagem humana da região se modificou profundamente com o retorno dos antigos escravos do Brasil, após a deportação de centenas deles que tinham participado da grande revolta havida na cidade da Bahia em 1835. Por diferentes razões, milhares de escravos libertos no Brasil tomaram então o caminho de volta à África até o começo do nosso século. Esses antigos escravos tinham origens diversas e se organizaram socialmente a partir da sua experiência vivida no Brasil, o

que lhes permitiu se assimilarem aos brasileiros já estabelecidos na região. Seus descendentes – tanto os dos brasileiros quanto os dos antigos escravos – são conhecidos até os nossos dias como os “brasileiros” ou ainda como os agudás.

A problemática central desta comunicação é, então, a maneira exemplar de inserção destes antigos escravos na própria sociedade que os havia excluído. Libertos no Brasil, eles não o eram entretanto na África, onde continuavam sendo considerados pela grande maioria dos autóctones como escravos. Ora, foi exatamente a partir da sua própria condição de escravos, ou seja, na sua experiência da escravatura na Brasil que eles encontraram a matéria prima para construir uma nova identidade coletiva que lhes permitiu exercer um papel na vida social e econômica enquanto *cidadãos de primeira classe* na sociedade que os havia rejeitado.

ENCANTARIA MARANHENSE: UM ENCONTRO DO NEGRO, DO ÍNDIO E DO BRANCO NA CULTURA AFRO-BRASILEIRA.

Mundicarmo Maria Rocha Ferretti (Uema)

Algumas denominações mais antigas e conhecidas da religião afro-maranhense, como o **Tambor de Mina** e o **Terecô**, têm origem africana bem conhecida. Outras, mais afastadas dos modelos Jeje e Nagô e associadas ao curandeirismo, são apresentadas como cultura negra sincrética de origem banto ou como cultura indígena assimilada pela população negra, sincretizada com a religião de origem africana e com o catolicismo. Pesquisa por nós realizada mostra que a mitologia relativa a entidades espirituais não africanas recebidas em transe mediúnico apresenta elementos de mitos africanos e amazônicos, é influenciada pela biografia de santos católicos, pelas literaturas européia e brasileira popularizadas pelo folclore, e que é intimamente ligada ao contexto ecológico e ao cotidiano da população dos terreiros.

OS SÍMBOLOS DO SAGRADO: REELABORAÇÕES E RESIGNIFICAÇÕES DOS SÍMBOLOS CATÓLICOS NA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA EM BELÉM

Patrícia Norat Guilhon

Este trabalho tem por objetivo descrever e analisar no campo da antropologia as reelaborações e readaptações dos símbolos sagrados cristãos no Movimento Carismático católico em Belém. Pretendo evidenciar como alguns entes míticos foram readaptados na prática do contexto carismático como forma de definir seus preceitos específicos dentro do catolicismo. Simultaneamente que a releitura e rearranjo dos mesmos foram essenciais para a legitimação deste movimento.

Neste sentido, o "Espírito Santo" ganha papel de destaque nas celebrações e rituais no interior das igrejas do gênero carismático, tornando-se o protagonista das ações do sagrado

em favor dos homens. Outra personagem que tem sua importância reativada é: Maria (mãe de Jesus), que além de representar um modelo ideal de mulher, a ser seguido, passa a emblematizar uma diferença crucial, que distingue pentecostais católicos de pentecostais evangélicos.

Dessa forma, busco enfatizar de que maneira símbolos, objetos e elementos sagrados foram reinterpretados, ganhando uma nova dimensão simbólica neste fenômeno religioso.

TIRADENTES: A CONSTRUÇÃO DE UM MITO DA LIBERDADE NO BRASIL.

Regina Coeli Machado e Silva (Unioeste/Pr)

Inserido em uma abordagem antropológica que problematiza a convergência entre o mito e a história, este trabalho tem como objetivo descrever o processo de construção de uma personagem histórica, Tiradentes, em um mito que tematiza a liberdade e a autonomia do Brasil frente ao Império Português. O argumento central é que a consolidação desse mito, no final do século XIX, foi possível porque a ele foram atribuídos crenças e valores, permitindo o reconhecimento de uma identidade cultural regional – a mineiridade – que, posteriormente generalizada na política nacional, tornou-se capaz de expressar ideais políticos opostos. Profundamente enraizada na cultura ibero-americana, em sua cosmovisão tomista e católica, essa identidade deu legitimidade à figura de Tiradentes que, dessa forma, foi incorporada a diferentes projetos da elite dominante na busca da emancipação política.

Para os monarquistas – liberais e conservadores - a evocação de Tiradentes significava a constituição da monarquia brasileira e, conseqüentemente, a liberdade e a autonomia em relação à Coroa Portuguesa – o sonho realizado. Para os republicanos, Tiradentes havia apenas iniciado o sonho da liberdade que só se completaria com o advento da República. Tendo como princípio fundamental a unidade política Tiradentes tornou-se, então, o mito fundador da liberdade da nação, tanto na criação do Império Brasileiro quanto no ideal da República a ser construída.

A COROA VERMELHA NO IMAGINÁRIO INDÍGENA E BRASILEIRO

Rodrigo de Azeredo Grünwald (UFPB)

A Coroa Vermelha é hoje arena turística privilegiada do município de Santa Cruz Cabralia (BA). Neste local (e trata-se de uma aldeia indígena), celebra-se tanto uma nacionalidade brasileira - materialmente objetificada pela cruz da Primeira Missa -, quanto a presença indígena anterior à chegada do colonizador. As imagens do encontro inaugural dos europeus com os indígenas que se pode extrair dos discursos de índios, autoridades, turistas etc são diversas (muitas vezes contraditórias) e promovem a emergência de uma história brasileira multifacetada e rica em símbolos legitimadores dos segmentos em

interação na região. A idéia da comunicação é justamente fortalecer a idéia do Fórum de um *Brasil imaginário*, contribuindo com esse exemplo etnográfico por mim examinado durante campo para minha tese de doutorado.

DO MARROCOS AO BAIXO AMAZONAS - ANÁLISE DO IMAGINÁRIO DOS JUDEUS DA AMAZÔNIA.

Stephen Nugent (Goldsmiths College – Londres)

Renato Athias (UFPE)

As representações sociais das populações que habitam o interior da Amazônia são geralmente apresentadas simplesmente como de um lado, estando os índios e de outro lado, os representantes da sociedade nacional, (colonial, pós colonial e moderna), como os funcionários e agentes do governo, missionários, comerciantes e vários tipos de imigrantes, muitas vezes, apresentados como "exóticos". Estes sendo os japoneses, espanhóis, italianos e judeus. As histórias destes grupos são incluídas nas narrativas sobre as mudanças ocorridas na região desde o século XVII, porém as trajetórias destas minorias não são reconhecidas e nem percebidas como específicas no contexto mais amplo da Amazônia. No caso dos judeus identificação não constitui-se em uma negação de sua fisionomia própria, histórica e cultural. Esta identidade é mantida mesmo não obedecendo os preceitos religiosos. Baseados em depoimentos de judeus que atualmente vivem no Baixo Amazonas (Santarém, Alenquer) este trabalho apresenta uma tentativa de análise sobre a identidade dos judeus da Amazônia e o imaginário que as populações circundantes elaboram a respeito deste grupo étnico.

CRIANÇAS QUE SÃO ANJOS: ALGUNS ASPECTOS SOBRE O SIMBOLISMO DA MORTE DAS CRIANÇAS NO NORDESTE BRASILEIRO.

Tânia Lago-Falcão (UFPE)

Mônica Franch (UFPE)

O trabalho pretende empreender uma aproximação ao fértil universo simbólico que rege as representações da morte de crianças no Nordeste brasileiro. A etiologia popular das doenças infantis (*mau-olhado, quebranto, espinhela caída*), a crença em *anjinhos*, os diversos tabus (interdito do pranto) e rituais fúnebres (velório, enterro, luto) são objeto de discussão, a partir dos estudos das ciências sociais sobre tanatologia e simbolismo e, especialmente, à luz das contribuições da Teoria do Imaginário, segundo a abordagem de G. Durand. A análise é de base documental, partindo-se de textos de autores consagrados - folcloristas (C. Cascudo), historiadores (P. Ariès, G. Duby), antropólogos (N. Schepper-Hughes, L. Rebhun, M. Nations) - bem como de documentos oficiais da área de saúde pública. Essas fontes permitiram identificar a forma em que a população nordestina recria

um acontecimento até recentemente corriqueiro, de forma a eufemizar a crueza da perda dos seus filhos. Tal entendimento se contrapõe às teses dominantes do descaso e da negligência seletiva como explicações para a alta letalidade de crianças na região Nordeste. Neste sentido, o interesse dos achados não se restringe à antropologia. Dado que a redução da mortalidade infantil é uma prioridade nas agendas nacional e internacional de desenvolvimento, a compreensão dos aspectos culturais que permeiam este fenômeno deve estar presente na elaboração de projetos de intervenção nas áreas de saúde e educação.

O SACI E A ESCOLA.

Maria das Vitórias N. do Amaral (UFPE)

Em escolas pernambucanas pesquisadas, na fase iniciática escolar, educação infantil, observei um discurso explícito de criar um “espaço feliz”, que tem como base do aprendizado o lúdico e a arte. Pode-se ver esse discurso como sendo regido pelo mito de Orfeu, que doma as feras e diante de quem as árvores se dobram, ao som de sua lira. Entretanto, as crianças vivem no mundo de Dionísio, vivem num mundo de jogo e de brincadeira. Inserida nesse mesmo discurso há outra dimensão, a do tácito, o que está nas entrelinhas do explícito e é através dele que a escola (instituição escolar) passa as regras e normas sociais para a formação de um “futuro homem” ou um “homem de futuro” num mundo competitivo, onde o que tem “valor” é um produto a ser consumido. Essa dimensão do discurso é regida pelo mito de Prometeu, o mito do progresso. Para passar de Orfeu a Prometeu, a escola utiliza a figura mítica do Saci-Pererê como um mediador, um mensageiro entre a escola e as crianças. Mensageiros também, Hermes e Exu, são identificados como Trikster, personagem que representa a primeira fase da infância, personagem travesso, alegre e brincalhão. Saci, Hermes, Exu e Trikster têm o mesmo papel na sociedade, são mediadores, intermediários entre mundo terrestre e o mundo celeste ou entre o mundo racional e o imaginário. E o Saci é um personagem marcante na escola para atrair as crianças para o mundo escolar, sendo a ponte entre o mundo dionisíaco das crianças e o mundo prometéico da escola.

SOB UM CÉU DE FLAMBOYANT: UMA ILHA IMAGINÁRIA NO CENTRO URBANO DO RIO DE JANEIRO.

Wilma M. Leitão (UFPA/UFRJ)

Ilha dos Amores, Pérola da Guanabara ou Paquetá da Moreninha, a Ilha de Paquetá faz parte do patrimônio de imagens não apenas do Rio de Janeiro, mas do Brasil. Localizada na parte setentrional da Baía de Guanabara, com uma área de 1,09km² e uma população aproximada de quatro mil habitantes, Paquetá é um bairro da cidade do Rio de Janeiro, sob

a jurisdição da Subprefeitura do Centro. Todavia Paquetá não se define apenas como um bairro-ilha, trata-se de um lugar envolto pela narrativa literária, uma vez que o clássico romance brasileiro – o amor da Moreninha, consagrou-se na pequena ilha, que se viu a partir daí cercada de representações reavivadas continuamente na literatura, música, cinema e televisão.

As ilhas, em geral, são marcadas por um ambiente sociológico singular, com características específicas e carregam a carga simbólica do sonho, lugar capaz de encerrar-se em si mesmo, com limites definidos, isolados do mundo exterior. A ilha de Paquetá traz essas marcas; embebida pelo universo imaginário de ilhas e pelo romance de Joaquim Manoel de Macedo, torna-se, através de uma construção social e simbólica, um espaço representado, cuja geografia se confunde com a literatura e os marcos estão definidos no plano sentimental consagrado pelo romantismo.

O CANTO DO ACALANTO, O QUE ELE DIZ?

Yeda Pessoa de Castro (UFBA/ UNESCO)

Vista como a imagem do conformismo feito de abnegação irracional, quase covarde, diante de sua própria maternidade, a mulher negra, no desempenho da função de “mãe-preta”, exerceu, como sabemos, uma influência socializadora no âmbito doméstico da família colonial brasileira, na qual teve a oportunidade de incorporar-se à sua vida cotidiana. Essa condição lhe permitiu interferir no comportamento da criança através de sua socialização lingüística e de mecanismos de natureza psicossocial e dinâmicos, tais como, elementos de sua alimentação usual e componentes de seu universo simbólico e emocional que ela introduziu em contos populares e cantigas de ninar. São seres fantasmagóricos, expressões de afeto e de repúdio, crenças e superstições, ainda hoje correntes em várias regiões do Brasil, e cujo estudo possibilita a utilização de outros instrumentos de pesquisa que podem contribuir para estabelecer uma geografia do Brasil imaginário, no tocante à parte de identificação das suas raízes negro-africanas e do que falam.

Tomando, como exemplo, o conteúdo temático e formal de um dos acalantos mais populares da Bahia, “menino mandu”, a partir de uma análise etno- e lingüística, revelou-se um novo tipo de dado que descobriu a contraface daquela imagem de mulher que se mostrava contida contra a violência a que foi submetida pela escravidão. Não sabíamos, até então, que, na sua voz africana, uma cantiga de ninar do cancionero ibérico do século XVI tomara corpo, para rasgar o comando do seu silêncio e dizer a realidade no protesto do seu canto.

Como ele nos diz ? Eis o que pretendemos por em discussão.